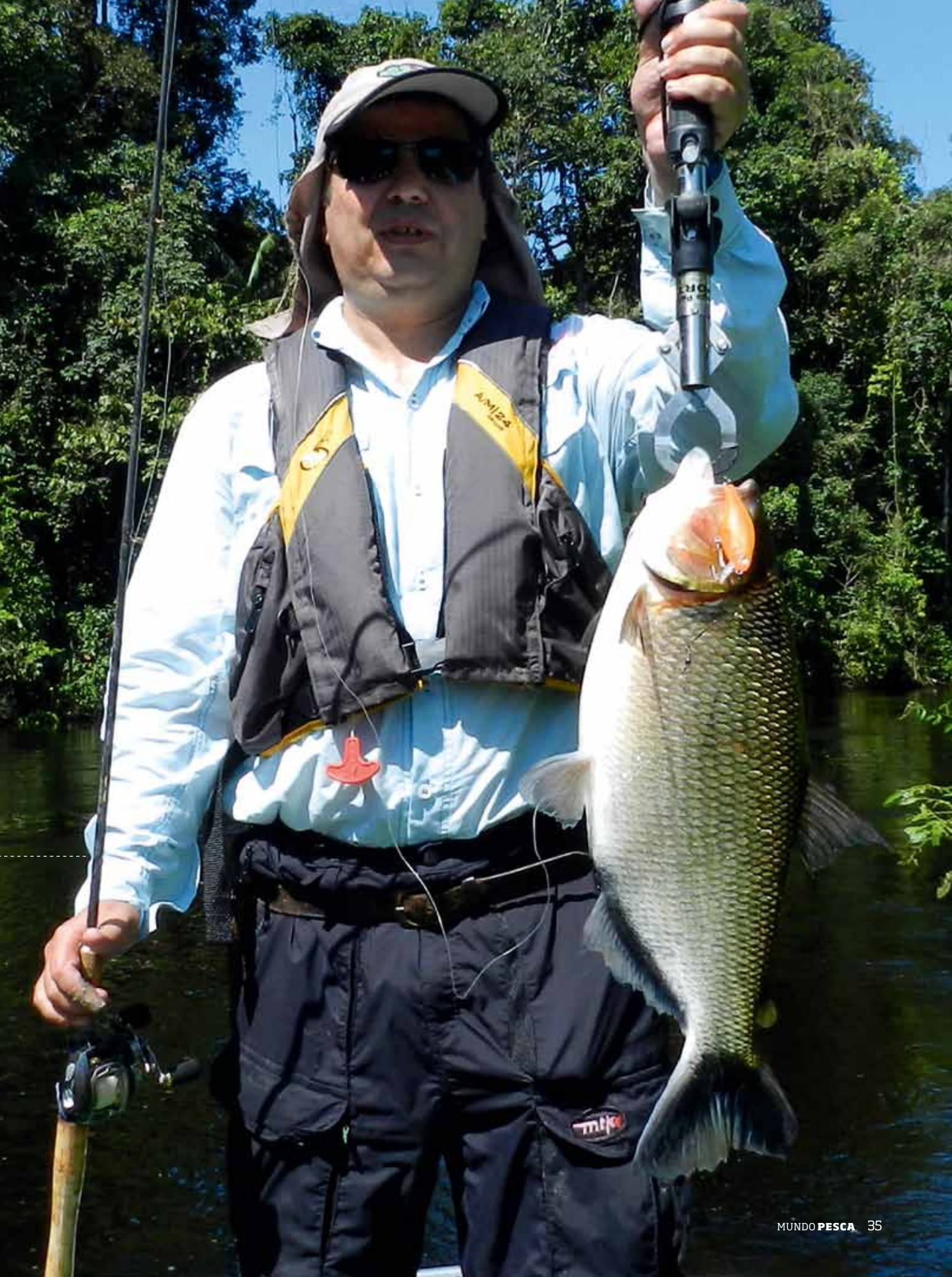


# Cururu debaixo d'água

Com chuvas acima da média para região e um árduo caminho até pousada, fomos em busca dos maravilhosos e mais esportivos peixe nas águas negras do Rio Cururu

**Texto e fotos:** Francisco José Starling, equipe Mundo Pesca







**A** viagem estava agendada desde setembro do ano passado, e mesmo sabendo que este ano a estação das chuvas na região norte estava com precipitações duas vezes e meia maiores que nos anos anteriores, a ansiedade me dominava, pois finalmente iria conhecer o famoso Rio Cururu, com águas negras e muitos peixes esportivos.

Finalmente chegou o dia do embarque, e viajando contra o fuso horário, às 14:00hs estava em Alta Floresta (MT). Fui recepcionado pelo Alex e pelo Marcão (dono da Pousada Portal da Amazônia e da Pousada Rio Cururu). Com um ótimo churrasco, já iniciamos os planos de equipamentos e estratégias para utilizar no dia seguinte, atualizando as informações do rio.

Como esperado a viagem até a pousada também foi problemática e se não fossem os veículos dotados de tração 4x4 e guincho com cabo de aço, a probabilidade de atolar e ter que aguardar socorro era muito grande, pois a floresta amazônica tem trechos de argila e barro que nesta época chuvosa se tornam terríveis atoleiros.

Para chegar à pousada propriamente dita, após a cidade de Paranaíta (MT), o rumo a tomar deverá ser o do Rio São Benedito, e após duas travessias por balsas (a primeira sobre o rio Teles Pires - águas claras - e a segunda sobre o rio São Benedito - águas negras) faz-se a parte final do percurso rodeado por altas árvores da floresta amazônica em ambos os lados, em floresta preservada, não sendo rara a visão de animais na pista (quatis, iraras e antas, entre outros) além de rastros, inclusive, de onças pardas e pintadas!

A pousada apesar de operar desde meados do ano de 2011, ainda está em fase de ajustes, com a construção programada de bangalôs no ponto de apoio atual, o que viabilizará o acesso mais rápido dos pescadores ao rio. Atualmente ainda opera da base às margens da pista de pouso (em uma construção ampla, com refeitório, cozinha, sala de TV com telefone por rádio, e quatro quartos duplos, cada um com ar condicionado e banheiros externos







com chuveiro quente), com acesso ao Rio distante aproximadamente 15 minutos, trajeto feito por caminhonete da pousada, mas após a construção das novas habitações, bastará aos pescadores sair dos bangalôs, acessar ao restaurante e após, pela passarela suspensa, chegar ao Rio Cururu e aos barcos.

## A PESCARIA

Conforme já dito, o rio ainda estava com águas altas, e com mata inundada, onde se ouvia perfeitamente a movimentação dos peixes. Assim, como já eram esperados os Trairões e Capararis estavam na mata inundada, juntamente com os Tucunarés-fogo, típicos da região.

Mesmo ciente das dificuldades, conversei com meu guia, o famoso Maranhão, que tem mais de quinze anos de Rio Cururu, e ele logo sugeriu a pescaria com frutas no primeiro dia, aproveitando que ainda tinha “melancias” na beira d’água. Fiquei curioso em como seriam as iscas, mas logo descobri que se tratava de pequenas frutas do tamanho de uvas, que cresciam em arbustos na beira do rio, e que, cevavam

naturalmente pacus e Matrinchá no local.

Desta forma o primeiro dia foi dedicado aos Pacus e às Matrinchá, com muitas capturas, e direito a manobras radicais dos pacus borracha (que saltam fora d’água) e das princesas prateadas, que além da inicial briga de fundo, resplandeciam com seus saltos tentando se livrar dos anzóis que as prendiam!

## ACIDENTE DE PERCURSO

No segundo dia de pescaria, iniciamos a manhã com mais algumas capturas de Pacus-borracha, mas logo no segundo exemplar, após as fotos e antes da soltura, o peixe se livrou do alicate e caiu no fundo do barco, se debatendo. O desejo de preservar o espécime foi maior que minha prudência, e ao tentar conter o mesmo para que não se ferisse, coloquei inadvertidamente meu dedo indicador direito ao alcance de seus dentes, ocasionando um acidente que, por pouco poderia ter sido muito sério, pois o simples contato com os saliente dentes do pacu borracha (que esmagam as duras sementes da seringueira) rasgou meu dedo, fazendo com que interrompêssemos a pescaria para buscar socorro com um curativo no posto avançado da pousada. Após o rápido curativo, voltamos à pescaria, mas como o dedo machucado - ainda dói e latejava -, me impedindo de realizar os pinchos com as frutas, resolvi me dedicar aos peixes de couro, nos poços presentes no leito do Cururu.

Assim, utilizando uma isca artificial, capturamos uma grande Piranha, negra como as águas do rio e com a região branquial cor de cobre. Fizemos dela as iscas para as espécies de couro, tivemos muitas ações, mas somente de Jaús pequenos e das próprias Piranhas, enormes com pesos acima de três quilos!

Ainda na parte da tarde do mesmo dia, ao ver peixes rebojando nas imediações do barco, arrisquei alguns arremessos de artificiais, mas as dores no dedo não colaboraram com a pescaria. Todavia, ao retornar à sede da pousada, após um revigorante banho, fiz novo curativo e no dia seguinte já estava pronto para tudo, inclusive, a pescaria matutina com iscas artificiais de meia-água.







## PEIXE MÍSSIL

Para tanto, subimos o rio até seu encontro com o Rio Cururu Mirim, por onde adentramos mais uns vinte minutos, chegando a um ponto estreito - aproximadamente cinco ou seis metros de largura - com águas rápidas e mata extremamente preservada em ambos os lados, onde o som das araras, dos Martins-pescadores e dos macacos nas árvores era nossa trilha sonora para o início de uma pescaria memorável.

Logo no primeiro arremesso, com isca artificial de meia-água NS Yoshi prateada a um palmo da beirada, presenciei o ataque quase à superfície da princesa prateada, uma enorme Matrinchã, que após três

saltos de mais de meio metro de altura, brigou de fundo, indo para baixo do barco, me obrigando a, literalmente, enfiar a vara dentro d'água, para impedir que a linha raspasse e rompesse com o atrito no casco! Consegui assim impedir a quebra da linha, mas pós mais algumas tomadas vertiginosas de linha, esta subitamente bambeou, e pude constatar que o peixe com sua enorme energia, abriu e entortou o snap que unia a isca ao cabo de aço e o girador! Emocionante, mas a batalha foi ganha pelo peixe... Faz parte!

Tendo perdido a isca, troquei o pequeno cabo de aço pintado de preto com girador e o atei diretamente na argola da isca, desta

vez uma da cor mertiolate, que nas águas negras do rio Cururu Mirim se assemelhava a um pequeno peixe dourado, perdido na natureza!

E não é que o peixinho ornamental fez sucesso com os residentes! Primeiramente, com as Matrinchãs, capturando seguidas vezes exemplares cujo peso variava entre três e quatro quilos, e que só se rendiam após intensa briga aérea e de fundo, retornando energicamente ao seu ambiente após as fotos!

Em trechos que misturavam águas de pequenos riachos que desaguavam no Cururu Mirim, vieram as impressionantes Bicudas, com sua velocidade de torpedo, e





sua força hidrodinâmica, que intercalava corridas fantásticas com saídas da água que davam a impressão de ser um míssil balístico, lançado de um submarino! E, em sua grande maioria, encharutavam a isca, que mesmo com sua boca dura e difícil de fisgar, garantia sua presença para as fotos e sua posterior soltura!

Isso tudo transcorreu com o barco solto ao sabor da correnteza, com pouquíssimas paradas para soltura dos exemplares mais cansados em locais mais abrigados, e que lhes possibilitavam um restabelecimento mais completo, para irem com vida e energia de volta a seus domínios aquáticos.

Nos remansos, colocando a isca sempre grudada na margem, ainda sofremos ataques de pequenos peixes, talvez Traíras, Apaiaris ou Jacundás, que pelo tamanho da isca não conseguiam fisgar, apenas mordiscava e acompanhava por algum tempo.

Cena fantástica foi o ataque das Bicudas, tendo duas delas disputado ferrenhamente a isca e a menor delas, mais ágil, foi fisgada e acompanhada pela maior até a borda do barco, sendo que, por diversas vezes a grande tentou “comer a isca” que estava na boca daquela de porte médio que fisguei, o que, se conseguisse, geraria um “double” na mesma isca, de duas Bicudas com peso em torno de 3 e 4 quilos !!





Outra ocasião de tirar o fôlego, foi um pouco à frente, já perto da embocadura do Cururu Mirim com o rio Cururu, quando ao lançar a isca ela foi simultaneamente atacada por um cardume de Matrinhãs, que acompanharam por diversos metros, a briga da companheira fisgada, que atacou na batida da isca, parecendo que acompanhou sua trajetória no ar e se lançou a ela tão logo tocou a superfície das águas! Algo para se guardar na memória, com surpresa e admiração.

Nesta manhã, a pescaria foi de tanta ação que o tempo fugiu do controle, e quando sentimos o calor do sol à pino, é que tivemos ciência que já passava de meio-dia, e que até o salão de refeições da pousada no posto avançado ainda estava a quase uma hora de barco. Encerramos então a pescaria no Cururu Mirim, com gratas surpresas e muitas capturas.

Na parte da tarde, descemos o rio pescando pacus na batida com iscas naturais - frutinhas - e em uma tentativa de Matrinhãs com isca artificial, uma ação estranha ocorreu, e quando chegou ao barco descobrimos que o peixe fisgado era um bonito Boca-larga (também chamado Mandubé, Fidalgo ou Palmito, dependendo a região da pescaria). O mais estranho é que em momento algum o peixe pulou, sendo esta uma das características mais marcantes da espécie! Vai entender!

Descendo o rio, ouvimos ação de peixes mais à frente, e com o motor desligado, o guia Maranhão chegou a remo no local dos rebojos, avisando para preparar as artificiais que ou eram os Trairões - na raseira - ou os Tucunarés-fogo - no limite entre a raseira e o fundo (drop off). Não deu outra: passados intermináveis minutos o rebojo surgiu longe, mas ainda ao alcance de tiro de minha carretilha Daiwa de perfil baixo, fazendo a isca zunir no ar até cair um pouco além de onde tinha ocorrido a ação. Com duas trabalhadas de recolhimento e toques espaçados, a isca foi travada com violência, e o Tucunaré-fogo pulou, iniciando seu show aéreo, só posando para as fotos após vários saltos e corridas. Solto, outras ações ocorreram mas, os peixes conseguiam escapar antes mesmo da linha retesar-se por completo.

Mudamos então de ponto, e um pouco abaixo, chegamos à boca de uma lagoa, onde apoitamos o barco para tentar os Jaús, Capararis e Barbados. Após o arremesso, ouvimos na lagoa um rugido gutural, alto e forte, que o Maranhão me avisou ser "dele" - o dono do pedaço - um Jacaré-Açu de aproximados 4 metros de comprimento. Segundo o guia, ele mora lá, e estava só nos avisando para não invadir seus domínios. Antes assim, de longe!

Passado o susto com grunhido do dinossauro, uma das varas sinalizou peixe, e com ela na mão, senti a linha ser sutilmente levada, para, somente quando a vara "bebeu água" é que fisguei para valer, recolhendo a linha e quando se encontrava novamente bem esticada, confirmei a fisgada, passando a trabalhar o peixe. A força do peixe era excepcional, e as tomadas de linha alucinantes, fazendo a vara vergar inteira e a carretilha cantar alto,





mesmo com a fricção apertada. Os minutos se sucediam e o peixe parecia incansável, retomando cada metro de linha que conseguia recolher com esforço, mesmo estando em trecho do rio sem corredeiras. Até que, finalmente, boiou pela primeira vez perto do barco um enorme Jundiá, e, sabendo que tal peixe é muito resistente e forte, afrouxei a fricção da carretilha bem a tempo para mais uma corrida frenética, que poderia ter estourado minha linha 0,50 mm! Com mais cinco minutos de briga intensa, o peixe finalmente cansou e pude fotografá-lo no crepúsculo, com o dia findando como cenário.

Na boca da noite, lembramos do nosso vizinho, e achei por bem não correr o risco de um encontro noturno com o tiranosauo moderno, e assim voltamos ao porto e à pousada, para o merecido descanso após a emocionante jornada.

### **SEXTA-FEIRA SANTA: SUPERSTIÇÃO OU UM DIA DIFERENTE?**

No quarto e último dia, era sexta-feira Santa, eu e meu guia Maranhão, concordamos que nem mesmo se fossemos almoçar no mato, mataríamos algum peixe. E mais, logo no começo da manhã, o Maranhão me disse que era dia de pescaria fraca, com muitos peixes mas poucas ferradas.

E o pior é que a previsão dele se confirmou, pois víamos os peixes batendo, mas por mais esmerados fossem os arremessos, a maioria das iscas não era nem atacada.

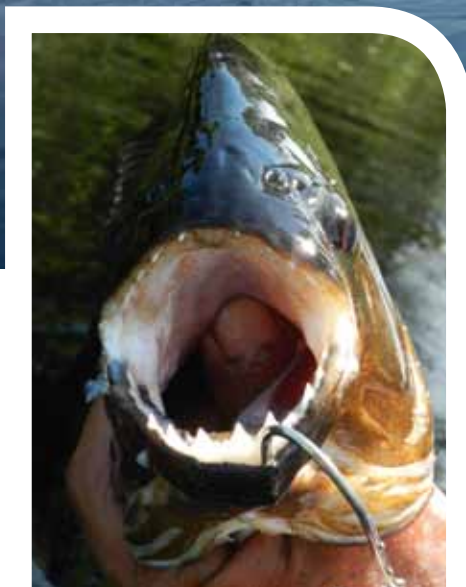
Aquelas que eram, depois de muita insistência, após alguns saltos dos peixes se soltavam dos mesmos!

Assim, fora poucos Pacus borracha, e muitas Piranhas, mas nenhum peixe realmente digno de registro. E bem que o Maranhão tinha me dito que sexta-feira Santa não é dia de pescar... A sabedoria popular muitas vezes supera os conhecimentos sobre peixes e hábitos de peixes adquiridos com muita pesquisa e leitura. Por esta e outras similares é que marcarei mais pescarias em tal data!

Todavia, há que se ressaltar que neste dia tudo foi atípico: O dia radiante, virou nublado e tempestuoso, em questão de







minutos, chovendo torrencialmente e com fortes ventos por mais de duas horas! Após, na parte da tarde, o tempo que ainda prenunciava chuva - céu cor de chumbo - "abriu" e o entardecer foi com direito a estrelas! Vai entender!

Mas o mais importante foram estas últimas horas passadas no rio Cururu, que me deram tempo para refletir a oportunidade maravilhosa de poder viver aqueles momentos de ar puro e harmonia com a natureza!

Finalmente, resta agradecer ao amigo Alexandre (Pesca & Prosa) pela paciência em auxiliar na escolha das iscas artificiais utilizadas na pescaria, e aos amigos Marcão, Serginho e Alex,

bem como a todos da Pousada (Maranhão, Lúcia, Nei, Cowboy, e ao gerente e sua esposa) pela hospedagem e o cuidado, deixando também consignado um grande abraço ao balseiro Tonho, que, com sua acolhida calorosa, nos deu guarida quando dela necessitamos.

Que o Rio Cururu continue preservado, e podendo dar energia e adrenalina a todos os pescadores que dele possam compartilhar, zelando por ele e seus peixes, deixando para trás somente pegadas e levando dali apenas imagens e lembranças, praticando o pesque-e-solte com responsabilidade.

Grande abraço a todos os amigos pescadores e até a próxima aventura. **MP**